



FEPEG

FÓRUM DE ENSINO,
PESQUISA, EXTENSÃO
E GESTÃO

TRABALHOS CIENTÍFICOS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E CULTURAIS DEBATES MINICURSOS E PALESTRAS

23 A 26 SETEMBRO DE 2015
Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

ISSN 1806-549X

A HUMANIZAÇÃO NA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

REALIZAÇÃO



APOIO



FATORES QUE DIFICULTAM O CONTROLE DAS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE NO CONTEXTO DA ATENÇÃO BÁSICA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Autor(es): Jaqueline Soares Cardoso, Roberto Allan Ribeiro Silva, Ana Carolina Jesus Soares

INTRODUÇÃO: As Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (IRAS) são definidas como toda e qualquer infecção que acomete o indivíduo, seja em instituições hospitalares, atendimentos ambulatoriais na modalidade de hospital dia ou domiciliar, que possa estar associada a algum procedimento assistencial, seja ele terapêutico ou diagnóstico (HORAN, 2008). De acordo com Rezende (2011), as IRAS têm representado um problema grave e repercussões diversas no contexto da saúde humana. As atividades desenvolvidas na atenção básica são, potencialmente, geradoras de risco biológico, tanto para os usuários desses serviços quanto para os seus trabalhadores. **OBJETIVO:** Tem-se como objetivo correlacionar os fatores que dificultam o controle de infecção na atenção básica. **METODOLOGIA:** Trata-se de uma revisão de literatura, realizada por meio de publicações relacionadas ao assunto disponíveis em periódicos da área da enfermagem com livre acesso nos bancos de dados online do SCIELO (Scientific Electronic Library Online), BVS (Biblioteca Virtual de Saúde) e ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), sendo o seu delineamento entre 2006 e 2013. **RESULTADOS:** Para Rezende (2011), o excesso de trabalho, aliado à falta de estrutura, de informação e supervisão, faz com que a rotina de trabalho se caracterize por "picos de movimento" resultando em uma atuação descomprometida com o controle de infecção e biossegurança, ignorando o prejuízo à qualidade do serviço prestado. Oliveira *et al.* (2009), verifica nas literaturas nacional e internacional, a baixa adesão dos profissionais à higienização das mãos, ao uso de equipamento de proteção individual (EPI) e à indicação da precaução de contato. A dificuldade de abandonar antigas práticas e a resistência a mudanças são comportamentos também evidenciados no cotidiano do profissional de saúde. Corroborando tal afirmação, em seu estudo Paula (2008), evidenciou que vários aspectos do comportamento humano, incluindo a falsa percepção de um risco invisível e a subestimação da responsabilidade individual na elevação das taxas de infecção, podem ser fatores importantes para essa adesão comprometida. **CONCLUSÃO:** A partir desse estudo, compreende-se que o risco de infecção relacionada à assistência de saúde está presente também no cotidiano da atenção básica, constituindo assim um risco tanto para os profissionais, quanto para os usuários, fazendo necessário propor medidas de intervenção com o intuito de minimizar tal risco.